

R.R. 60 anos, doméstica, cancro da mama em 2003

Tudo começou no dia 11 de Agosto de 2003... Quando acabei de tomar o meu banho notei algo de anormal no meu seio direito. Chamei-lhe um nódulo como podia ter chamado outra coisa. Naquele dia nada disse à família, embora no dia seguinte tratasse logo de pedir um P1 para saber o que na realidade me tinha aparecido no seio.

Fiz então uma mamografia e levei-a à minha médica ginecologista. Perante o exame que lhe apresentei, desvalorizou-o logo dizendo: podíamos fazer uma piquinha (referia-se a uma biópsia), mas não vale a pena porque isso não é nada! Como já era a minha médica há muitos anos, confiei naquilo que me disse, e assim esperei até ao próximo exame que foi realizado passado um ano.

Nesse entretanto, e aos meus olhos, tudo se mantinha sem qualquer alteração.

No ano seguinte fui fazer novamente as minhas consultas de rotina e aí tudo se alterou. Fiz uma mamografia. O médico quando a viu pediu de imediato a repetição da mesma. Não ficando convencido com o que via, pediu uma ecografia e à medida que os ia analisando, foi-me perguntando: deu algum tombo? Deu alguma pancada no peito?

Respondi-lhe que não. Então aconselhou-me de imediato a fazer uma biópsia, conselho que segui sem qualquer perda de tempo. De seguida e já com o resultado fui encaminhada para um centro hospitalar.

Estava muito fragilizada com tudo isto, e para meu maior desespero encontrei profissionais de saúde pouco humanos (em minha opinião).

Nessa altura o mundo desabou sobre mim. Depois de ter feito mais alguns exames fui a uma consulta de grupo. Um dos médicos presentes, tomou a palavra e disse: vai começar já a fazer quimioterapia primária, ao segundo tratamento o cabelo cai completamente, e quando acabar, não garantimos que não tenha de fazer uma mastectomia.

Mas eis que Deus me levou para o sítio certo, para a pessoa certa, na hora certa.

Mudei de hospital, fizeram-me novos exames, e a conclusão não tardou a chegar. Teria de ser operada para fazer a remoção do tumor. Tudo correu muito bem, graças a Deus! Fizeram-me uma cirurgia conservadora. Fiz de seguida quimioterapia e radioterapia, reagindo com tanta naturalidade que chegavam a perguntar-me se na realidade tinha sido operada.

Tive os meus momentos difíceis. A família por arrastamento também os teve, mas decorridos três anos considero-me uma mulher feliz, fazendo uma vida absolutamente normal.

Só quero deixar o meu apelo a todas as pessoas que passem por situações destas. Não desistam, lutem porque vale a pena. Que sintam a força e a coragem que eu sempre tive.

Aproveito para agradecer a todos os profissionais de saúde que tanto fizeram por mim. O meu mais sincero agradecimento.